

**E.M. Professor Sebastião Vayego de Carvalho**

Av. Ver. Rubens Mazieiro, 100 – Ouro Fino Paulista – CEP: 09442-700

Fone: (11) 4822-3137 / 4827-0948

E-mail: emvayego@hotmail.com

**ARTE**  
**SEMANA 31/08 A 04/09**

<b>NOME:</b>	<b>Nº:</b>	<b>SÉRIE:9ANOS</b>
<b>PROFESSOR(A): LÍGIA MARA</b>	<b>CARGA HORÁRIA SEMANAL:02</b>	
<b>ENVIAR PARA: GOOGLE CLASSROOM, WATTSAP</b>	<b>DATA DE ENTREGA:04/09</b>	
<b>OBJETOS DE CONHECIMENTO/CONTEÚDO: MÚSICA / PARÓDIA -</b>		
<b>HABILIDADE(S): (EF69AR16 )ANALISAR CRITICAMENTE,POR MEIO DA APRECIACÃO MUSICAL,USOS E FUNÇÕES DA MÚSICA EM SEUS CONTEXTOS DE PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO,RELACIONANDO AS PRÁTICAS MUSICAIS ÀS DIFERENTES DIMENSÕES DA VIDA SOCIAL, CULTURAL, POLÍTICA, HISTÓRICA, ECONÔMICA, ESTÉTICA E ÉTICA.</b>		
<b>(EF69AR18) RECONHECER E APRECIAR O PAPEL DE MÚSICOS E GRUPOS DE MÚSICA BRASILEIROS E ESTRANGEIROS QUE CONTRIBUÍRAM PARA O DESENVOLVIMENTO DE FORMA E GÊNEROS MUSICAIS.</b>		
<b>(EF 69AR21) EXPLORAR E ANALISAR FONTES E MATERIAIS SONOROS EM PRÁTICAS E COMPOSIÇÃO/ CRIAÇÃO, EXECUÇÃO E APRECIACÃO MUSICAL.</b>		
<b>(EF69AR23)EXPLORAR E CRIAR IMPROVISAÇÕES, COMPOSIÇÕES,ARRANJOS,JINGLES,TRILHSSONORAS. UTILIZANDO VOZES ,SONS, INSTRUMENTOS ELÉTRICOS, EXPRESSANDO IDEIAS MUSICAIS DE MANEIRA INDIVIDUAL.</b>		
<b>ESTRATÉGIAS E RECURSOS: YOUTUBE, SOM</b>		
<b>ORIENTAÇÕES:O ALUNO DEVERÁ OUVIR A MÚSICA TRABALHADA NA AULA ANTERIOR. “NOSSO GRITO”FUNDO DE QUINTAL. FAZER UMA PARÓDIA .</b>		

Segue o link para acessar a música

<https://youtu.be/cgYfJ2rYMH0>

[Letra da música](#)

Nosso Grito

Fundo de Quintal

Você já não quer mais amar  
Seu rumo tá sem direção  
Se encontra perdido no cais  
Querendo encontrar solução  
Amigo não vá se entregar  
Eu sei tá ruim de aguentar

Mas Deus está aqui para ajudar  
Não deixa esse barco afundar

Êta vida, êta vida de cão  
A gente ri, a gente chora, a gente abre o coração  
Êta vida, êta vida de cão  
A gente ri, a gente chora, a gente abre o coração  
Êta vida, êta vida de cão

A gente tem mais que lutar  
Seguir a nossa diretriz  
Sonhar e tentar ser feliz  
Viver pra cantar e sorrir  
É hora de a gente assumir  
É hora de darmos as mãos  
O negro ao branco se unir  
Gritando numa só razão

Êta vida, êta vida de cão  
A gente ri, a gente chora, a gente abre o coração  
Êta vida, êta vida de cão  
A gente ri, a gente chora, a gente abre o coração  
Êta vida, êta vida de cão

Composição: Riquinho / Sereno



Secretaria da Educação  
Av. Prefeito Waldino Pinho, 193 – Centro  
Jardim Oberdanópolis, 13011-000, Br.  
Telefones: (11) 4822-3000

**E.M. Professor Sebastião Vayego de Carvalho**

Av. Ver. Rubens Mazieiro, 100 – Ouro Fino Paulista – CEP: 09442-700

Fone: (11) 4822-3137 / 4827-0948

E-mail: emvayego@hotmail.com

**DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA**

**SEMANA: 1 – DE 31/08 A 04/09**

<b>NOME:</b>	<b>Nº:</b>	<b>SÉRIE: 9ºS ANOS</b>
<b>PROFESSOR(A): MARIA KARDASH</b>	<b>CARGA HORÁRIA SEMANAL: 6</b>	
<b>ENVIAR PARA: GOOGLE CLASSROOM</b>	<b>DATA DE ENTREGA: 04/09/2020</b>	
<b>OBJETOS DE CONHECIMENTO/CONTEÚDO: GÊNERO TEXTUAL “CONTO; PRONOMES RELATIVOS NA CONSTRUÇÃO DO TEXTO.</b>		
<b>HABILIDADE(S): LEITURA: RECONHECER O GÊNERO CONTO E SUAS PARTICULARIDADES.</b>		

**ESTRATÉGIAS E RECURSOS: (EF89LP33) LER, DE FORMA AUTÔNOMA, E COMPREENDER – SELECIONANDO PROCEDIMENTOS E ESTRATÉGIAS DE LEITURA ADEQUADOS A DIFERENTES OBJETIVOS E LEVANDO EM CONTA CARACTERÍSTICAS DOS GÊNEROS E SUPORTES – ROMANCES, CONTOS CONTEMPORÂNEOS, MINICONTOS, FÁBULAS CONTEMPORÂNEAS, ROMANCES JUVENIS, BIOGRAFIAS ROMANCEADAS, NOVELAS, CRÔNICAS VISUAIS, NARRATIVAS DE FICÇÃO CIENTÍFICA, NARRATIVAS DE SUSPENSE, POEMAS DE FORMA LIVRE E FIXA (COMO HAICAI), POEMA CONCRETO, CIBERPOEMA, DENTRE OUTROS, EXPRESSANDO AVALIAÇÃO SOBRE O TEXTO LIDO E ESTABELECENDO PREFERÊNCIAS POR GÊNEROS, TEMAS, AUTORES.**

**ORIENTAÇÕES: COPIAR O TRECHO SOLICITADO, ASSISTIR AO VÍDEO EXPLICATIVO E EM SEGUIDA ANALISAR OS CONTOS ABAIXO.**

**COPIE O QUADRO ABAIXO, NO QUAL HÁ INFORMAÇÕES SOBRE A ESTRUTURA DA NARRATIVA. ASSISTA AO VÍDEO EXPLICATIVO EM:**

<https://www.youtube.com/watch?v=rxFuS1vx19I>

### **Estrutura da narrativa**

<b>Situação inicial</b>	Quando o autor contextualiza o leitor: apresenta os personagens e mostra o tempo e o espaço em que estão inseridos, geralmente logo na introdução
<b>Conflito</b>	Um acontecimento é responsável por modificar a situação inicial dos personagens, exigindo algum tipo de ação
<b>Desenvolvimento</b>	O autor conta o que os personagens fizeram para tentar solucionar o conflito
<b>Clímax</b>	A narrativa é levada a um ponto de alta tensão ou emoção que exige uma decisão ou desfecho
<b>Desfecho</b>	É a parte da narrativa que mostra a solução para o conflito.

**NÃO COPIE, APENAS LEIA OS TEXTOS 1 E 2.**

### **TEXTO 1**

## ***A quase morte de Zé Malandro***



Zé Malandro era boa pessoa, mas malandro que nem ele só. Em vez de trabalhar como todo mundo, preferia passar a vida zanzando e jogando baralho. Ou então ficava deitado na rede, folgado, tocando viola de papo para o ar. Por causa disso era pobre, pobre, pobre.

Certo dia, estava em casa preparando o jantar, um pouquinho de feijão e um pedaço de pão seco, quando bateram na porta. Era um viajante. O homem, muito velho, pedia um pouco de comida.

— Entre aí — disse Zé Malandro. — Onde um quase não come, dois quase não vão comer também.

Os dois riram.

Após o jantar, o viajante agradeceu muito e contou que tinha poderes mágicos.

— Você foi muito generoso repartindo a comida comigo — disse o velho viajante. — Em retribuição pode me fazer quatro pedidos. Por exemplo — sugeriu ele —, se quiser, pode pedir para ser protegido pelo resto da vida.

— Concedido — disse o velho. — Por exemplo, se quiser, pode pedir perdão para todos os seus pecados.

Zé Malandro pensou e disse:

— Prefiro ter uma figueira que quem subir nela só desce com minha ordem.

— Concedido — disse o velho. — Por exemplo, se quiser, pode pedir sua salvação.

Zé Malandro pensou e disse:

— Prefiro ter um banco que quem sentar nele só sai com minha ordem.

— Concedido — disse o velho. — Por exemplo, se quiser, pode pedir, quando morrer, para ir para o céu.

Zé Malandro pensou e disse:

— Prefiro ter um saco de pano que quem entrar dentro só sai se eu mandar.

O velho coçou a cabeça, concedeu, despediu-se e seguiu viagem.

A partir daquele dia, Zé Malandro plantou um pé de figo ao lado de sua casa e nunca mais se preocupou com nada

vezes nada. Passava o dia inteiro ou deitado na rede de papo para o ar ou jogando baralho. Como ganhava todas,

sempre tinha dinheiro para comprar comida, roupa e as coisas de casa. Era tudo de que o Zé precisava. Mas o tempo é invisível. Passa dia e noite e ninguém vê. A figueira virou uma árvore frondosa e Zé Malandro acabou ficando velho. Muito velho.

Certa noite, bateram na porta de sua casa. Era a Morte vestida com uma capa preta. — Zé, pode se preparar. Sua hora chegou — disse ela segurando uma foice.

— Mas como! — exclamou ele espantado. — Já? Deve haver algum engano! Ainda me sinto tão bem!

A Morte não era de muita conversa.

— Se está pronto, vamos.

Zé Malandro baixou a cabeça.

— Posso fazer um último pedido? — perguntou ele com lágrimas nos olhos. — Quero comer um figo antes de morrer.

— Pode ser — disse a Morte. — Mas ande logo com isso.

— O problema — explicou Zé Malandro retorcendo o corpo de lado — é que estou meio velho e já não consigo trepar na árvore para pegar uma fruta.

E implorou:

— Por favor, dona Morte, faça isso por mim! É o último desejo de um pobre velho miserável raquítico esclerosado caindo aos pedaços!

A Morte resmungou mas aceitou. Subiu na árvore, arrancou um figo e lá ficou. Não conseguiu mais descer de jeito nenhum.

Zé Malandro deu risada, despediu-se e foi jogar baralho.

Deixou a Morte presa lá em cima, furiosa.

Com a Morte aprisionada no alto da figueira, a confusão na cidade onde Zé Malandro vivia foi geral. Como ninguém mais morria, os coveiros e fabricantes de caixões ficaram sem trabalho. Os médicos e hospitais perderam a clientela.

E, além disso, houve desemprego, pois as pessoas não se aposentavam mais nem cediam lugar para as outras mais jovens. E o pior: a população começou a aumentar muito.

— Isso é contra a natureza! — gritava a Morte revoltada, agarrada nos galhos da figueira. — Você tem que me deixar sair daqui!

E a Morte insistiu tanto, explicou tanto, argumentou tanto que Zé Malandro acabou cedendo.

— Mas só deixo você descer se me der mais sete anos de vida — disse ele.

A Morte não tinha outro jeito. Acabou concordando.

E assim, Zé Malandro continuou sua vidinha folgada de sempre, feliz da vida, jogando baralho, cada vez mais velho, cada vez mais invencível.

Sete anos passam depressa.

Certa noite, bateram na sua porta. Era um homem estranho, de cara feia, chapéu e paletó escuro.

— Zé, se prepare — disse o homem. — Sua hora chegou.

— Quem é você? — quis saber Zé Malandro.

— Sou o Diabo — respondeu o outro, tirando o chapéu e mostrando dois tristes chifres. — A Morte não quis vir de jeito

nenhum, mas me mandou no lugar dela para buscar você.

— Mas como! — disse o Zé espantado. — Já? Deve haver algum engano!

O Diabo caiu na gargalhada.

— Não venha com essa conversa mole. Já estou avisado sobre você. Vamos embora agorinha mesmo. Ou vai me pedir pra subir na figueira? Nessa eu não caio!

Zé Malandro baixou a cabeça.

— Posso fazer um último pedido? — perguntou ele com lágrimas nos olhos. — É muito importante. É o último desejo de um pobre velho miserável raquítico esclerosado caindo aos pedaços. Queria tomar um traguinho de cachaça antes de abotoar o paletó. Você me acompanha?

O Diabo lambeu os beiços.

— Até que não é má ideia!

— Sente-se aí enquanto eu pego os copos e a pinga — disse Zé Malandro, puxando o banquinho.

Dito e feito. O Diabo sentou e de lá não saiu mais.

— Me tira daqui! — gritou ele, assustado.

Zé Malandro deu risada, despediu-se e foi jogar baralho.

Com o Diabo preso no banquinho, acabaram-se os crimes na cidade. As cadeias ficaram vazias e os guardas, delegados, advogados e juízes preocupados em perder seus

empregos. Além disso, como as pessoas agora só falavam a verdade, começou a haver muita confusão porque as verdades são muitas. Mas o pior não foi isso. Acontece que o Diabo passava o dia inteiro sentado no banquinho gritando, guinchando e falando os piores palavrões.

— Cala a boca! — dizia Zé Malandro.

— Minha mulher me mata! — berrava o Diabo furioso.

— Saí para buscar você já faz mais de um ano e ainda não voltei pra casa! Quando eu voltar ela me arreventa!

— Diga a ela que você ficou preso num banquinho!

— Ela não vai acreditar! Me solta, Zé Malandro, por favor, que a Diaba me quebra a cara!

Cansado daquela figura resmungando dia e noite dentro de casa, Zé Malandro acabou cedendo.

— Mas só deixo você sair se me der mais sete anos de vida — disse ele.

O Diabo não tinha outro jeito. Acabou concordando.

E assim, Zé Malandro continuou sua vidinha folgada de sempre, feliz da vida, jogando baralho, cada vez mais velho, cada vez mais invencível.

O tempo passou. No dia em que se completaram sete anos, Zé Malandro fechou a casa inteira bem fechada só deixando uma janelinha destrancada. No quarto, debaixo da janela, colocou seu saco de pano bem aberto.

Naquela mesma noite, o Diabo apareceu, ele e sua mulher.

A Diaba não tinha acreditado nem um pouco na história do banco e dessa vez quis vir junto com o marido.

O Diabo bateu na porta. Nada. Bateu de novo. Nada.

Acabou descobrindo a janelinha aberta e entrou com a mulher por ela.

Os dois foram parar dentro do saco de pano e lá ficaram.

Zé Malandro apareceu com um pedaço de pau na mão e começou a bater no saco.

— Socorro! — berrava o Diabo.

— Me acuda! — berrava a Diaba.

O casal dos infernos passou o ano inteirinho dentro do

saco tomando pancada todo santo dia. No fim, Zé Malandro cansou. Estava velho demais e até um pouco gagá. Soltou o casal de diabos que fugiu mancando apavorado. Dias depois, o Zé fechou os olhos e entregou a rapadura.

Foi direto para as profundezas do inferno.

Ao chegar lá bateu na porta. Apareceu o Diabo que, ao vê-lo, recuou assustado e começou a gritar:

— Vai embora! Aqui você não entra! Cai fora, Zé Malandro! No inferno você não fica!

Sem saber direito o que fazer, Zé Malandro foi até o céu e bateu na porta. Apareceu São Pedro. O santo fez cara feia.

— Você não quis ser protegido, não quis perdão para seus pecados, não quis a salvação nem vir para o céu.

Agora, não tem jeito. Vai embora! No céu você não fica.

E assim, sem ter para onde ir, Zé Malandro achou melhor voltar para a Terra. Dizem que até hoje anda por aí, invencível, jogando seu baralhinho.

(Ricardo Azevedo)

## **TEXTO 2**

## As formigas



Quando minha prima e eu descemos do táxi, já era quase noite. Ficamos imóveis diante do velho sobrado de janelas ovaladas, iguais a dois olhos tristes, um deles vazado por uma pedrada. Descansei a mala no chão e apertei o braço da prima.

– É sinistro.

Ela me impeliu na direção da porta. Tínhamos outra escolha? Nenhuma pensão nas redondezas oferecia um preço melhor a duas pobres estudantes com liberdade de usar o fogareiro no quarto, a dona nos avisara por telefone que podíamos fazer refeições ligeiras com a condição de não provocar incêndio. Subimos a escada velhíssima, cheirando a creolina.

– Pelo menos não vi sinal de barata – disse minha prima.

A dona era uma velha balofa, de peruca mais negra do que a asa da graúna. Vestia um desbotado pijama de seda japonesa e tinha as unhas aduncas recobertas por uma crosta de esmalte vermelho-escuro, descascado nas pontas encardidas. Acendeu um charutinho.

– É você que estuda medicina? – perguntou soprando a fumaça na minha direção.

– Estudo direito. Medicina é ela.

A mulher nos examinou com indiferença. Devia estar pensando em outra coisa quando soltou uma baforada tão densa que precisei desviar a cara. A saleta era escura, atulhada de móveis velhos, desparelhados. No sofá de palhinha furada no assento, duas almofadas que pareciam ter sido feitas com os restos de um antigo vestido, os bordados salpicados de vidrilho.

Vou mostrar o quarto, fica no sótão – disse ela em meio a um acesso de tosse. Fez um sinal para que a seguíssemos. – O inquilino antes de vocês também estudava medicina, tinha um caixotinho de ossos que esqueceu aqui, estava sempre mexendo neles.

Minha prima voltou-se:

– Um caixote de ossos?

A mulher não respondeu, concentrada no esforço de subir a estreita escada de caracol que ia dar no quarto. Acendeu a luz. O quarto não podia ser menor, com o teto em declive tão acentuado que nesse trecho teríamos que entrar de gatinhas. Duas camas, dois armários e uma cadeira de palhinha pintada de dourado. No ângulo onde o teto quase se encontrava com o assoalho, estava um caixotinho coberto com um pedaço de plástico. Minha prima largou a mala

e, pondo-se de joelhos, puxou o caixotinho pela alça de corda. Levantou o plástico. Parecia fascinada.

– Mas que ossos tão miudinhos! São de criança?

– Ele disse que eram de adulto. De um anão.

– De um anão? É mesmo, a gente vê que já estão formados... Mas que maravilha, é raro a beça esqueleto de anão. E tão limpo, olha aí – admirou-se ela. Trouxe na ponta dos dedos um pequeno crânio de uma brancura de cal. – Tão perfeito, todos os dentinhos!

– Eu ia jogar tudo no lixo, mas se você se interessa pode ficar com ele. O banheiro é aqui ao lado, só vocês é que vão usar, tenho o meu lá embaixo. Banho quente extra. Telefone também. Café das sete às nove, deixo a mesa posta na cozinha com a garrafa térmica, fechem bem a garrafa recomendou coçando a cabeça. A peruca se deslocou ligeiramente. Soltou uma baforada final: – Não deixem a porta aberta senão meu gato foge.

Ficamos nos olhando e rindo enquanto ouvíamos o barulho dos seus chinelos de salto na escada. E a tosse encatarrada.

Esvaziei a mala, dependurei a blusa amarrotada num cabide que enfiei num vão da veneziana, preendi na parede, com durex, uma gravura de Grassman e sentei meu urso de pelúcia em cima do travesseiro. Fiquei vendo minha prima subir na cadeira, desatarraxar a lâmpada fraquíssima que pendia de um fio solitário no meio do teto e no lugar atarraxar uma lâmpada de duzentas velas que tirou da sacola. O quarto ficou mais alegre. Em compensação, agora a gente podia ver que a roupa de cama não era tão alva assim, alva era a pequena tibia que ela tirou de dentro do caixotinho. Examinou-a. Tirou uma vértebra e olhou pelo buraco tão reduzido como o aro de um anel. Guardou-as com a delicadeza com que se amontoam ovos numa caixa.

– Um anão. Raríssimo, entende? E acho que não falta nenhum ossinho, vou trazer as ligaduras, quero ver se no fim da semana começo a montar ele.

Abrimos uma lata de sardinha que comemos com pão, minha prima tinha sempre alguma lata escondida, costumava estudar até de madrugada e depois fazia sua ceia. Quando acabou o pão, abriu um pacote de bolacha Maria.

– De onde vem esse cheiro? – perguntei farejando. Fui até o caixotinho, voltei, cheirei o assoalho. – Você não está sentindo um cheiro meio ardido?

– É de bolor. A casa inteira cheira assim – ela disse. E puxou o caixotinho para debaixo da cama.

No sonho, um anão louro de colete xadrez e cabelo repartido no meio entrou no quarto fumando charuto. Sentou-se na cama da minha prima, cruzou as perninhas e ali ficou muito sério, vendo-a dormir. Eu quis gritar, tem um anão no quarto! mas acordei antes. A luz estava acesa. Ajoelhada no chão, ainda vestida, minha prima olhava fixamente algum ponto do assoalho.

– Que é que você está fazendo aí? – perguntei.

– Essas formigas. Apareceram de repente, já enturmadas. Tão decididas, está vendo?

Levantei e dei com as formigas pequenas e ruivas que entravam em trilha espessa pela fresta debaixo da porta, atravessavam o quarto, subiam pela parede do caixotinho de ossos e desembocavam lá dentro, disciplinadas como um exército em marcha exemplar.

– São milhares, nunca vi tanta formiga assim. E não tem trilha de volta, só de ida – estranhei.

– Só de ida.

Contei-lhe meu pesadelo com o anão sentado em sua cama.

– Está debaixo dela – disse minha prima e puxou para fora o caixotinho. Levantou o plástico. – Preto de formiga. Me dá o vidro de álcool.

– Deve ter sobrado alguma coisa aí nesses ossos e elas descobriram, formiga descobre tudo. Se eu fosse você, levava isso lá pra fora.

– Mas os ossos estão completamente limpos, eu já disse. Não ficou nem um fiapo de cartilagem, limpíssimos. Queria saber o que essas bandidas vem fuçar aqui.

Respingou fartamente o álcool em todo o caixote. Em seguida, calçou os sapatos e como uma equilibrista andando no fio de arame, foi pisando firme, um pé diante do outro na trilha de formigas. Foi e voltou duas vezes. Apagou o cigarro. Puxou a cadeira. E ficou olhando dentro do caixotinho.

– Esquisito. Muito esquisito.

– O quê?

– Me lembro que botei o crânio em cima da pilha, me lembro que até calcei ele com as omoplatas para não rolar. E agora ele está aí no chão do caixote, com uma omoplata de cada lado. Por acaso você mexeu aqui?

– Deus me livre, tenho nojo de osso. Ainda mais de anão.

Ela cobriu o caixotinho com o plástico, empurrou-o com o pé e levou o fogareiro para a mesa, era a hora do seu chá. No chão, a trilha de formigas mortas era agora uma fita escura que encolheu. Uma formiguinha que escapou da matança passou perto do meu pé, já ia esmagá-la quando vi que levava as mãos a cabeça, como uma pessoa desesperada. Deixei-a sumir numa fresta do assoalho.

Voltei a sonhar aflitivamente mas dessa vez foi o antigo pesadelo em torno dos exames, o professor fazendo uma pergunta atrás da outra e eu muda diante do único ponto que não tinha estudado. Às seis horas o despertador disparou veementemente. Travei a campainha. Minha prima dormia com a cabeça coberta. No banheiro, olhei com atenção para as paredes, para o chão de cimento, a procura delas. Não vi nenhuma. Voltei pisando na ponta dos pés e então entreabri as folhas da veneziana. O cheiro suspeito da noite tinha desaparecido. Olhei para o chão: desaparecera também a trilha do exército massacrado. Espiei debaixo da cama e não vi o menor movimento de formigas no caixotinho coberto.

Quando cheguei por volta das sete da noite, minha prima já estava no quarto. Achei-a tão abatida que carreguei no sal da omelete, tinha a pressão baixa. Comemos num silêncio voraz. Então me lembrei:

– E as formigas?

– Até agora, nenhuma.

– Você varreu as mortas?

Ela ficou me olhando.

– Não varri nada, estava exausta. Não foi você que varreu?

– Eu?! Quando acordei, não tinha nem sinal de formiga nesse chão, estava certa que antes de deitar você juntou tudo... Mas então quem?!

Ela apertou os olhos estrábicos, ficava estrábica quando se preocupava.

– Muito esquisito mesmo. Esquisitíssimo.

Fui buscar o tablete de chocolate e perto da porta senti de novo o cheiro, mas seria bolor? Não me parecia um cheiro assim inocente, quis chamar a atenção da minha prima para esse aspecto mas estava tão deprimida que achei melhor ficar quieta. Espargi água-de-colônia flor de maçã por todo o quarto (e se ele cheirasse como um pomar?) e fui deitar cedo. Tive o segundo tipo de sonho que competia nas repetições com o sonho da prova oral: nele, eu marcava encontro com dois namorados ao mesmo tempo. E no mesmo lugar. Chegava o primeiro e minha aflição era levá-lo embora dali antes que chegasse o segundo. O segundo, desta vez, era o anão. Quando só restou o oco de silêncio e sombra, a voz da minha prima me fisgou e me trouxe para a superfície. Abri os olhos com esforço. Ela estava sentada na beira da minha cama, de pijama e completamente estrábica.

– Elas voltaram.

– Quem?

– As formigas. Só atacam de noite, antes da madrugada. Estão todas aí de novo.

A trilha da véspera, intensa, fechada, seguia o antigo percurso da porta até o caixotinho de ossos por onde subia na mesma formação até desformigar lá dentro. Sem caminho de volta.

– E os ossos?

Ela se enrolou no cobertor, estava tremendo.

Aí é que está o mistério. Aconteceu uma coisa, não entendo mais nada! Acordei pra fazer pipi, devia ser umas três horas. Na volta senti que no quarto tinha algo mais, está me entendendo? Olhei pro chão e vi a fila dura de formiga, você lembra? não tinha nenhuma quando chegamos. Fui ver o caixotinho, todas trançando lá dentro, lógico, mas não foi isso o que quase me fez cair pra trás, tem uma coisa mais grave: é que os ossos estão mesmo mudando de posição, eu já desconfiava mas agora estou certa, pouco a pouco eles estão... estão se organizando.

– Como, organizando?

Ela ficou pensativa. Comecei a tremer de frio, peguei uma ponta do seu cobertor. Cobri meu urso com o lençol.

– Você lembra, o crânio entre as omoplatas, não deixei ele assim. Agora é a coluna vertebral que já está quase formada, uma vértebra atrás da outra, cada ossinho tomando seu lugar, alguém do ramo está montando o esqueleto, mais um pouco e... Venha ver!

– Credo, não quero ver nada. Estão colando o anão, é isso?

Ficamos olhando a trilha rapidíssima, tão apertada que nela não caberia sequer um grão de poeira. Pulei-a com o maior cuidado quando fui esquentar o chá. Uma formiguinha desgarrada (a mesma daquela noite?) sacudia a cabeça entre as mãos. Comecei a rir e tanto que se o chão não estivesse ocupado, rolaria por ali de tanto rir. Dormimos juntas na minha cama. Ela dormia ainda quando saí para a primeira aula. No chão, nem sombra de formiga, mortas e vivas, desapareciam com a luz do dia.

Voltei tarde essa noite, um colega tinha se casado e teve festa. Vim animada, com vontade de cantar, passei da conta. Só na escada é que me lembrei: o anão. Minha prima arrastara a mesa para a porta e estudava com o bule fumegando no fogareiro.

– Hoje não vou dormir, quero ficar de vigia – ela avisou.

O assoalho ainda estava limpo. Me abracei ao urso.

– Estou com medo.

Ela foi buscar uma pílula para atenuar minha ressaca, me fez engolir a pílula com um gole de chá e ajudou a me despir.

– Fico vigiando, pode dormir sossegada. Por enquanto não apareceu nenhuma, não está na hora delas, é daqui a pouco que começa. Examinei com a lupa debaixo da porta, sabe que não consigo descobrir de onde brotam?

Tombei na cama, acho que nem respondi. No topo da escada o anão me agarrou pelos pulsos e rodopiou comigo até o quarto, acorda, acorda! Demorei para reconhecer minha prima que me segurava pelos cotovelos. Estava lívida. E vesga.

– Voltaram – ela disse.

Apertei entre as mãos a cabeça dolorida.

– Estão aí?

Ela falava num tom miúdo como se uma formiguinha falasse com sua voz.

– Acabei dormindo em cima da mesa, estava exausta. Quando acordei, a trilha já estava em plena. Então fui ver o caixotinho, aconteceu o que eu esperava...

– Que foi? Fala depressa, o que foi?

Ela firmou o olhar oblíquo no caixotinho debaixo da cama.

– Estão mesmo montando ele. E rapidamente, entende? O esqueleto está inteiro, só falta o fêmur. E os ossinhos da mão esquerda, fazem isso num instante. Vamos embora daqui.

– Você está falando sério?

– Vamos embora, já arrumei as malas.

A mesa estava limpa e vazios os armários escancarados.

– Mas sair assim, de madrugada? Podemos sair assim?

– Imediatamente, melhor não esperar que a bruxa acorde. Vamos, levanta.

– E para onde a gente vai?

– Não interessa, depois a gente vê. Vamos, vista isto, temos que sair antes que o anão fique pronto.

Olhei de longe a trilha: nunca elas me pareceram tão rápidas. Calcei os sapatos, descolei a gravura da parede, enfiei o urso no bolso da jaqueta e fomos arrastando as malas pelas escadas, mais intenso o cheiro que vinha do quarto, deixamos a porta aberta. Foi o gato que miou comprido ou foi um grito?

No céu, as últimas estrelas já empalideciam. Quando encarei a casa, só a janela vazada nos via, o outro olho era penumbra.

(Lygia Fagundes Telles)

### **COPIE OS EXERCÍCIOS ABAIXO**

#### **ANÁLISE DOS CONTOS “A QUASE MORTE DE ZÉ MALANDRO” E “AS FORMIGAS”**

- 1- Na sua opinião, os 2 contos lidos têm o mesmo estilo? Por quê? Quais são as diferenças entre eles?
- 2- De qual conto você mais gostou? Por quê?
- 3- Divida no quadro abaixo quais são os pontos da estrutura de cada conto.

#### **TEXTO 1**

<b>Situação inicial</b>	
<b>Conflito</b>	
<b>Desenvolvimento</b>	
<b>Clímax</b>	
<b>Desfecho</b>	

## TEXTO 2

<b>Situação inicial</b>	
<b>Conflito</b>	
<b>Desenvolvimento</b>	
<b>Clímax</b>	
<b>Desfecho</b>	

